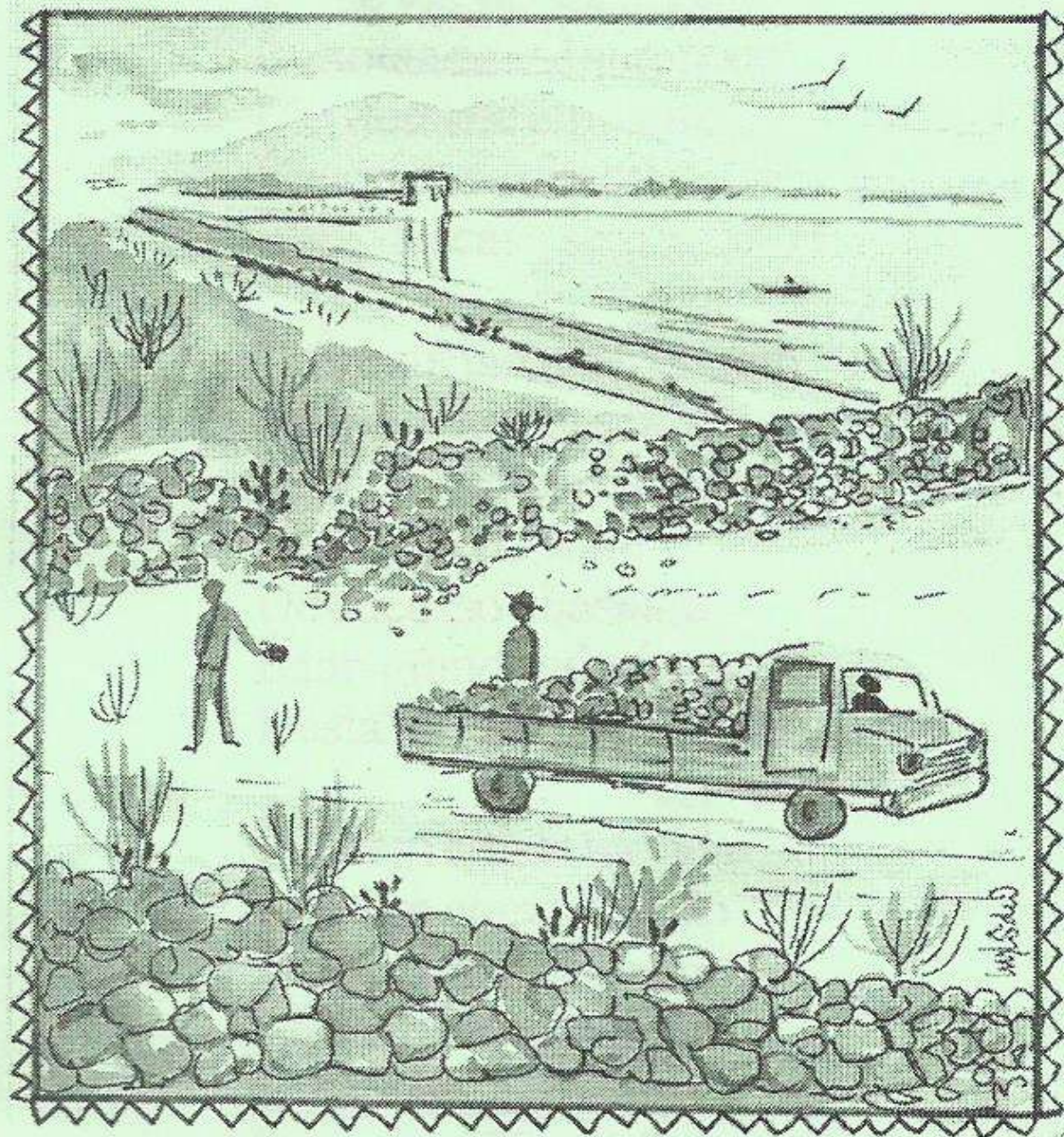


PROJETO: CHICO MOTA

Literatura de Cordel

# *AS CERCAS DE PEDRAS DO ITANS*



Autor:

Plácido Ferreira do Amaral Júnior

Caicó(RN), dezembro de 2016





*AS CERCAS DE PEDRAS DO ITANS*

Um doutor denunciou  
Com profunda estranheza  
O que viu pessoalmente  
Denotando até surpresa.  
Um desastre ambiental,  
Histórico e cultural  
Num descaso sem nobreza.

Cito aqui um personagem  
Certamente um senhor,  
Homem culto e eloquente,  
Sertanejo de valor.  
De sucesso abastado  
É um grande advogado  
Desta terra de esplendor.

01



Existem coisas na vida  
De ruim compreensão.  
Sucedeu-se uma com ele  
Viajando ao sertão.  
Ia para um balneário,  
Para um aniversário  
De um amigo, quase irmão.




E assistiu fato cruel  
Que agora vou contar.  
Bem pertinho de um clube  
Viu um caminhão parar,  
E lotar sua caçamba  
Com pedras, feito muamba,  
De uma cerca do lugar.

Perguntou ao motorista  
Para que se destinava,  
E este disse do alicerce  
Da obra que iniciava,  
Com o queixo em sua mão,  
O doutor sentou no chão,  
Já que não acreditava.


O tamanho descompasso  
Entre o caso e a história,  
Trouxeram-lhe para o lado  
Bem guardado na memória.  
O que tudo representa  
E também o que sustenta  
As pedras em nossa glória.








---




Era uma cerca de pedras  
Que esses homens destruíam,  
E o doutor questionou  
O porquê do que faziam.  
E ouviu uma resposta  
Que até hoje lhe desgosta  
Ao lembrar que não mentiam.

E este poeta que digita  
Estas rimas no teclado,  
Também ia para a festa  
E parou ali de lado.  
Escutou toda conversa  
E como seu verso, versa,  
Dá também seu atestado.


As pedras daquela cerca  
O progresso retirou.  
Levou para um edifício  
O que o tempo não matou,  
E que a construção civil  
Num instinto tão hostil,  
Simplesmente devorou.




---







---




As cercas do Seridó  
Com as pedras milenares,  
São artes dos ancestrais  
Algumas já seculares.  
Verdadeiros monumentos,  
Elas foram os sustentos  
De dezenas de outros lares.


Serei sempre um defensor  
Dos costumes regionais,  
E essas cercas meu leitor,  
Tem valores sociais.  
Divisoras das fazendas,  
Geravam estáveis rendas  
Para artesãos geniais.

05



Agora não mais existem  
Esses bravos criadores.  
Nessa arte tão complexa  
Eles eram uns doutores.  
E o meu verso em homenagem,  
Dedica-lhes de passagem,  
Todos meus fortes louvores.



---










Esse povo brasileiro  
Para mim tem um defeito,  
Pois não sabe preservar  
O que é belo e de direito.  
Uma obra com idade  
Tem que ter a identidade  
Preservada com conceito.

Para que a tocha olímpica  
Se o povo está com fome?  
Para que fim da cultura,  
Ou será que é outro nome?  
Para que Copa do Mundo,  
Se um corruptor imundo  
É um homem de renome?


São perguntas que não calam  
E que teimam em voltar.  
O país da corrupção  
Não conhece o resguardar.  
Aliás, resguarda sim,  
Tudo aquilo que é ruim  
E que mancha este lugar...







---




Uma forte economia  
Tinha esta região,  
No estado, a referência  
E por toda esta nação.  
Mas, sem força no traçado,  
Só possui o seu passado  
Para representação.


Terra do algodão mocó,  
Da pecuária leiteira,  
Nossa Caicó arcaica  
Já foi área alvissareira,  
Sendo politicamente,  
Social, culturalmente,  
A rainha pioneira.

06


As suas cercas de pedras  
Uma marca original,  
Levaram esta cidade  
Pra quase todo local.  
E eram por natureza,  
A mão do homem em nobreza  
Do seu pai celestial.




---








---




Tinham função geográfica  
Entre as propriedades,  
Evitavam os conflitos  
Dentre os clãs dessas cidades.  
Não havia confusões  
Causadas por invasões,  
Eram fronteiras verdades.

Animais não se perdiam  
Pois a cerca protegia.  
Hoje saltam os arames,  
Vejo isso todo dia.  
Fogem muitos dos cercados,  
Alimentam-se em roçados  
Duma outra freguesia.



Muitos vão para as estradas  
Causam vários acidentes.  
Com as pedras não havia  
Essas fugas tão frequentes.  
Até morte aconteceu  
Quando um carro ali bateu  
Em dois bodes "displicentes".



---










Sem mudança no assunto,  
Eu agora <sup>v</sup>ou arguir  
Outro fato interessante  
Sempre bom de repetir.  
E esse veio de Brasília,  
Onde eu e a família  
Nunca iremos residir.

Eu me lembro da ironia  
Que assisti de um ministro.  
Burocrata sem igual  
Que errou no seu registro.  
Sugeri que o mosquito  
Lá nas cercas era um mito  
Que causava um mal sinistro.


Mais sinistro era ele,  
De um governo sem moral.  
Causador de sobressaltos,  
Muito antinatural.  
Uma cerca inocente  
Fabricar até doente?  
Pense num ser imoral!








---




O engenho dessas cercas  
Verdadeira arquitetura,  
Tem encaixes programados  
Em beleza e formosura,  
Neles não se junta água,  
Lá apenas junta mágoa  
Feito a dessa desventura.

Esses fracos mandatários  
Deveriam promover  
Áreas de preservação  
E as cercas proteger,  
Incentivando o costume  
De sempre, em alto volume,  
Fazer o povo entender.


A própria engenharia  
Poderia proibir  
De quebrar cercas de pedras  
Para um novo construir.  
Introduzir uma lei  
Municipal, eu não sei,  
Que impedisse o destruir.




---







---




Nosso velho Caicó,  
Suas cercas e pujanças,  
Perderam-se pelo tempo  
Só restando às lembranças.  
Nunca mais ele cresceu,  
O gigante adormeceu  
Debruçado em esperanças...


Na Espanha e em Portugal  
Como lá na Palestina,  
Ainda existe essa cerca  
Guardada em toda campina.  
Porém não são feito aquelas,  
Peças lindas e singelas  
Que o meu Caicó extermina.

10


Voltando para o Itans  
Pra aquele tal motorista,  
Também do seu caminhão,  
Lembra-me sua conquista.  
Um alicerce de prédio  
Será medalha de tédio  
Desta vergonha anarquista.




---








---




E esta vergonha vai ser  
Seu verdadeiro inferno,  
Quando seu filho vier  
Saber no colo paterno,  
O quanto o mesmo lucrou  
Pelo mal que ele causou  
Ao construir o moderno.

O chofer e seus peões  
Assassinos sem maldade,  
Destruíram um contexto  
Que já foi identidade.  
E o que eu vou fazer na festa,  
Se a saudade é o que resta  
Nesta vil realidade?


A poesia popular  
Principalmente o Cordel,  
Em sua ação social,  
Cumpre aqui o seu papel  
Pedindo à autoridade  
Que cuide por caridade  
Da cerca, a nossa "Eiffel".




---







---



Ser poeta é meu dom,  
Caicó é o meu tema.  
Para a festa eu não entrei,  
Vim compor este poema.  
Disfarçado com certeza,  
Em um manto de tristeza  
Algo que não é meu lema.

Agradeço com carinho  
Nesta prece encerrada,  
Ao Doutor Chico Medeiros  
Pela obra desenhada.  
Nela eu fui inspirado  
A mostrar neste recado  
Sua tese comentada.

12

Permitindo ao meu leitor  
Ler e vir me criticar,  
A crescento um argumento  
Com o meu desabafar.  
Igual a cerca em questão,  
Devo ter minha razão  
Ou só resta lamentar...

**FIM**



---





## Biografia do Autor

### **PLÁCIDO FERREIRA DO AMARAL JÚNIOR**

norte-rio-grandense de Natal, nasceu em 19 de julho de 1958 e reside em Caicó, também no Estado do Rio Grande do Norte, desde janeiro de 1980. Fisioterapeuta graduado pela Universidade Federal de Pernambuco considera-se um humilde fazedor de versos. Poeta, trovador e cordelista, é autor de centenas de poemas e possui



dezessete cordéis publicados. É membro do C.T.S. (Clube dos Trovadores do Seridó), onde ocupa a cadeira 27 e sócio da União Brasileira de Trovadores (UBT), sessão de Caicó/RN. É sócio representativo do Rotary Club de Caicó, Distrito 4500 do Rotary Internacional.

Neto, pelo lado paterno, do poeta recifense José Severino do Amaral, e pelo lado materno, do maestro, músico, compositor e poeta alagoano Antônio Hugo Silva (Antônio Paurílio). É filho de Plácido Ferreira do Amaral e Lena Sônia Hugo Silva do Amaral. Ele, militar, e ela, professora. É casado há 31 anos com Maria do Rosário Gurgel do Amaral, administradora de empresas e funcionária pública estadual, e pai de Gabriel José Gurgel do Amaral, bacharel em Direito e corretor de imóveis, e de Felipe José Gurgel do Amaral, graduado em Ciências Econômicas.

**Contatos: (84) 999173493 e (84) 98875-3139**

**E-mail: [placidoamaral@bol.com.br](mailto:placidoamaral@bol.com.br)**